

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ERIK HAMPE FAUSTMAN – DIVERGÊNCIA A CINZENTO

18 e 26 de Novembro de 2024

### FRÄMMANDE HAMN / 1948

“PORTO ESTRANGEIRO”

*um filme de* ERIK HAMPE FAUSTMAN

*Realização:* Erik Hampe Faustman: *Argumento:* Herbert Grevenius, *a partir de uma peça de* Josef Kjellgren *Fotografia* (35 mm, 1:1,37): Carl-Erik Edlund *Som* (mono): Hilding Andersson *Montagem:* Lennart Wallen *Música:* Carl-Olof Anderberg *Direcção artística:* P.A. Lundgren *Caracterização:* Arcvid Ström *Guarda-roupa:* Nasse Johnson *Assistente de realização:* Jan Molander *Interpretação:* Adolf Jahr, (Capitão Greger) George Fant (Hakan Eriksson), Stig Järrel (Homem vestido de pele), Illona Wieselmann (Mimi), Carl Ström (oficial da casa das máquinas), Fritiof Billquist, Anders Börje, Stig Johanson, Ake Fridell, etc.

*Produção:* Sandrews (Suécia, 1948) *Título internacional:* Foreign Harbour *Cópia:* Svenska Institutet, 35 mm, preto-e-branco, versão original em sueco, polaco, alemão, inglês com falas em latim legendada electronicamente em português, 85 minutos *Estreia:* 2 de Outubro de 1948, na Suécia; Setembro de 1949 no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Inédito em Portugal.*

**Stefan Ramstedt está presente na sessão de dia 18  
para uma apresentação em inglês do cinema de Hampe Faustman**

---

Um filme de esquerda sueco de finais dos anos 1940, no imediato pós-guerra, com trabalhadores portuários, contrabando, pistolas, uma taberna, dança, a Internacional, o mar gelado, paisagem branca de neve. Pode dizer-se de *Främmande Hamn* ou, em tradução literal, “*Porto Estrangeiro*”. O mais conhecido dos filmes desconhecidos de Erik Hampe Faustman (1919-1961), tido presentemente como o melhor que realizou, foi visto, mal visto, como propaganda comunista por altura da sua apresentação em Cannes em 1949. Lembrou Stefan Ramstedt que o historiador-crítico-programador-realizador finlandês indajectivável Peter von Bagh o descreveu nos termos de “uma combinação poderosa: rudeza da classe operária e ‘miserabilismo’, melodrama, romantismo revolucionário – tudo isto ao serviço do tema da luta de classes”. Surpreendentes elementos, magnífica mistura para entrar no cinema de Hampe Faustman.

O que é ele, o cinema de Hampe Faustman, tal como o realizador-actor surge nos créditos dos seus filmes realizados entre as décadas de 1940 e 60? Apresentando o ciclo que a Cinemateca o desafiou a pensar, o programador Stefan Ramstedt escreveu sob o signo da “divergência a cinzento” indo ao ponto desalinhado – “Se Faustman é hoje lembrado é como um realista politicamente empenhado. Ao lado de Alf Sjöberg e Ingmar Bergman, viu-se incumbido da missão de rejuvenescer o cinema sueco, desempenhando o papel do radical. Cumpriu a promessa com filmes como *Främmande hamn*, a história de um motim causado por razões políticas, a bordo de um navio destinado à Espanha fascista com uma remessa de armamento disfarçado de comida enlatada. Como cineasta de esquerda com um interesse profundo pela cultura russa e com o *pathos* social de um realista, Faustman podia ter-se tornado o proponente sueco de um cinema realista socialista.” Num passo adiante do seu texto publicado no Jornal mensal da Cinemateca e na brochura Hampe Faustman disponível “em linha”, reforça: “Para a Suécia, como para muitos outros países, o fim da Segunda Guerra Mundial assinalou o início de uma era de crescimento económico e estabilidade política. Os sociais-democratas governavam desde 1932 e continuariam a governar até 1976, o que estava a transformar o país rumo aos ideais do seu modelo de Estado de bem-estar social *Folkhemmet* [conhecido além-fronteiras como modelo sueco]. Com esse

modelo abandonaram, no entanto, a noção da luta de classes e procuraram uma política de consentimento em detrimento da dissidência. Faustman confessou ser um social-democrata. Mas seria a social-democracia dos anos 1950 a sua social-democracia?”

Hampe Faustman distingue-se, de facto, como autor de uma obra politicamente empenhada que releva personagens e histórias do povo, marinheiros, trabalhadores portuários, camponeses, operários, taberneiros, costureiras, prostitutas. Na única publicação da Biblioteca da Cinemateca em que o cineasta tem o seu nome indexado (*Two articles on Modern Swedish Film*, Svenska Institutet, Estocolmo, 1950), Hugo Wortzelius escreve assim. “Hampe Faustman é a consciência social realista ou naturalista dos filmes suecos. Começou por seguir o apelo dos filmes russos – Donskoi e outros – porque os ideais em termos de estilo e o seu naturalismo austero e, por assim dizer, carregado, está no seu melhor nos filmes que realizou sobre trabalhadores agrícolas suecos [...]. Em 1948, estreou o primeiro ‘filme de ideias’ sueco *Främmande hamn* retratando acontecimentos que tiveram lugar dez anos antes a bordo de um navio no porto de Gdynia. Não era nada difícil encontrar o estilo pictórico realista e em bruto de um Rossellini. Mas a qualidade sólida e robusta da progressão do conflito entre as duas grandes ideologias da época – liberdade e ditadura – não excluía a intensidade e cenas cujo dramatismo se destaca graças à virtude de uma intensa paixão pela justiça.” Na página do Svenska Institutet, Gunder Andersson adopta o mesmo diapasão referindo Hampe Faustman como o cineasta mais abertamente político da geração emergente no pós-guerra, especialmente em filmes realizados em finais da década de 1940 como *När ängarna blommar* (“Quando os Prados Florescem”, 1946) e *Främmande hamn* (“Porto Estrangeiro”, 1948) – programados em Lisboa – ou ainda *Harald Handfaste* (1946), *Lars Hård* (1948) e *Smeder på luffen* (1949). Notando embora que “as mensagens abertamente políticas não dominam o trabalho de Faustman” e que “ele evoca sempre a bondade do ser humano, muitas vezes sob uma aparência política”.

No caso de *Främmande hamn*, a superfície política é visível: a partir de uma peça de Josef Kjellgren, a acção é ambientada no Inverno de 1938, na Polónia, e concentra-se na aludida tensão vivida pela tripulação de um cargueiro sueco impaciente com o embarque de mercadoria que se avizinha, e que desemboca num motim perante a informação da “comida enlatada” (de facto, armamento) destinado à facção nacionalista da Guerra Civil em Espanha. Da vida portuária participa o quotidiano de uma taberna-estalagem, onde os marinheiros suecos e os estivadores polacos se encontram, que é cenário de bastidores nebulosos, palco de um homicídio e do encontro entre um marinheiro sueco e uma mulher judia em fuga da Alemanha nazi e que, graças à solidariedade de classe, tem a cumplicidade dos marinheiros e acordo para embarcar no S/S Castor.

A precipitação narrativa de *Främmande hamn*, a que não faltam acontecimentos e reviravoltas, encontra uma justeza de tom na mise-en-scène, no aproveitamento da paisagem, a severidade do Inverno, o uso da profusão linguística (ouvem-se, pelo menos, sueco, polaco, alemão, falas em inglês e latim), a coreografia de alguns planos de estiva, ou de dança na taberna, achados singulares, a memorável e absolutamente insólita sequência final, quando a vida ceifada de um homem desencadeia o desfecho que ainda conhecerá outra morte: é junto a campas, cercados de neve na paisagem gelada e branca, que os homens da tripulação do S/S Castor unem espontaneamente as vozes no canto colectivo da *Internacional* sucedendo à oração fúnebre católica proferida em latim. Ainda haverá o elogio do triunfo do bem, com os planos do carvão, do trabalho, do navio em alto-mar, do mar, o tanto mar salgado que a mulher saúda de uma vigia. Como se a ficção pudesse vingar realidades.

Maria João Madeira